

**Visita virtual ao cemitério do Père-Lachaise:
Um olhar sobre a finitude na contemporaneidade midiática¹**

Carlos COELHO FILHO²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

A cultura contemporânea é marcada pelo uso frequente de diversos aparatos midiáticos, audiovisuais e interativos que contribuem para o desenvolvimento de diversas mudanças nos hábitos, nas crenças e nos valores dos indivíduos. A partir desta constatação, este artigo busca efetuar uma reflexão sobre a visita virtual ao Cemitério do Père-Lachaise observando a maneira pela qual o espaço cemiterial cria um vínculo entre passado, presente e futuro evidenciando como cada sociedade operava e mantinha sua tradição em relação à finitude humana. E, também, identificar a continuidade e a imbricação de certos costumes culturais, assim como o surgimento de novas atitudes diante da morte numa época em que ocorre o crescimento da “cultura da memória”.

Palavras-chave: cemitério; internet; memória; morte

A morte na contemporaneidade midiática

Na contemporaneidade, a internet e os sites de redes sociais estão presentes na vida cotidiana de boa parte da população mundial, possibilitando novas formas de interação entre as pessoas, inclusive, aquelas que estão distantes fisicamente. E milhares de indivíduos postam, diariamente, diversos vídeos, fotografias de todos os tipos e uma infinidade de comentários, sejam sobre programas de televisão, shows, questões ambientais e políticas; ou sobre acontecimentos privados do cotidiano e da intimidade de cada um.

Como observa Alex Primo (2007) os canais disponíveis atualmente na internet, tais como *Wikipédia* e *YouTube*, possibilitam uma maior interação entre os usuários, incluindo o compartilhamento, a circulação e a organização das informações, e constituem a segunda geração de serviços online. A primeira geração oferecia pouca interatividade, pois o usuário permanecia no papel de espectador da ação que se mostrava na página visitada, sem poder alterar seu conteúdo. Cabe notar que esse processo não se restringe apenas às técnicas

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, email: carlosoelho@id.uff.br

informáticas, mas também se relaciona com certos aspectos mercadológicos e da comunicação mediada por computadores, porque os consumidores e telespectadores que eram vistos como receptores “passivos”, agora se tornaram produtores ou “parceiros” das empresas.

E, além disso, acontece uma maior cooperação na produção e circulação da informação, que passa a ser compartilhada em diversos sites de redes sociais, assim como é possível realizar transações bancárias e compras através dos computadores e *smartphones*. Ou seja, estamos circulando, cada vez mais, dentro de um ciberespaço de alcance global onde as ferramentas da web contribuem para que novas maneiras de se construir a subjetividade se tornem possíveis, pois permitem que diversos momentos da vida dos usuários sejam divulgados e compartilhados.

O tema da morte e outras questões relacionadas à finitude humana não poderiam deixar de estar presentes nas relações sociais que se estabelecem nessa comunicação mediada por computadores. Por exemplo, o incêndio ocorrido numa boate, localizada na cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul em janeiro de 2013 teve bastante repercussão midiática. A tragédia mobilizou os usuários da internet e no *Twitter* hashtags como #ForçaSantaMaria e #PrayForSantaMaria lideraram os Trending Topics poucas horas depois do acidente e autoridades, celebridades, assim como outros usuários utilizaram os espaços da internet para prestar homenagens às centenas de vítimas ou divulgar informações sobre o estado de saúde dos sobreviventes e também postar mensagens lamentando a tragédia.

Parece haver, por um lado, certa “negação” ou ocultamento da morte, bem como algo que poderia ser visto como contraditório, mas que talvez seja complementar: a espetacularização da morte. Vivian Sobchack (2004) afirma que a morte passou de um evento social e público para uma experiência privada e anti-social. A partir do século XX a morte foi ocultada em algumas áreas mais industrializadas do Ocidente e com o passar dos anos acabou se tornando um tema tabu. Portanto, a finitude humana foi perdendo, gradativamente, no imaginário social seu antigo poder de evocação, e houve a interdição da morte como experiência pública e ela foi transferida da casa para o hospital que tecnificou e criou um saber científico sobre o ato de morrer e adoecer.

Elizabeth Rondelli e Micael Herschman (2000) observam que a maioria das mortes de pessoas anônimas continua acontecendo em hospitais, asilos e velórios, longe dos olhares alheios. Contudo, a sociedade contemporânea têm, cada vez mais, reconduzido a

morte de alguns notórios eleitos ao “mundo dos vivos”, através de uma pomposa encenação midiática. Essas mortes veiculadas pela mídia deflagram narrativas que emergem de forma híbrida, porque articulam informações sobre o acontecimento da morte, a outras informações, como entrevistas concedidas ainda em vida pelo ilustre morto ou outras imagens armazenadas nos acervos dos canais de televisão, assim como a coleta dos testemunhos de amigos e parentes que, muitas vezes, possuem um tom emocionado e trágico.

Hoje em dia, além da cobertura da morte de determinados indivíduos continuar sendo feita pela televisão, jornais e revistas, a cibercultura – com suas questões ligadas à virtualidade, ao espaço simulado e às narrativas transmidiáticas – auxilia no aparecimento de novos modos de lembrar e representar o “corpo morto”. Nesse contexto histórico e cultural, é interessante observar a existência do site do famoso Cemitério do Père-Lachaise onde é possível realizar uma visita virtual para conhecer os túmulos de cantores, escritores e outras personalidades famosas. E essa ferramenta da web também permite visualizar todo o conjunto arquitetônico do espaço cemiterial que é composto por jazigos, mausoléus e esculturas que acabam constituindo uma espécie de museu a céu aberto.

O “cemitério virtual” francês foi criado em 2003 com o objetivo de manter viva a lembrança dos mortos, e ser um lugar de memória onde os fãs podem visitar as sepulturas dos seus ídolos. Focalizando particularmente esse objeto, este artigo busca efetuar uma reflexão sobre a maneira pela qual o espaço cemiterial cria um vínculo entre passado, presente e futuro evidenciando como cada sociedade operava e mantinha sua tradição em relação à finitude humana. E, também, identificar as continuidades entre os rituais que se desenvolvem no site do Cemitério Père-lachaise e aqueles que ocorriam em outros momentos históricos, bem como suas possíveis rupturas com esses outros universos, procurando detectar o surgimento de novas atitudes diante da finitude numa cultura globalizada, conectada e bastante imagética.

As transformações do espaço cemiterial e das atitudes diante da morte

A maneira como os homens lidam com a morte não é imutável, e está relacionada com os diversos contextos culturais e históricos. Segundo Philippe Ariès (2012) no período histórico denominado Alta Idade Média, ou seja, – do século V até o século XII – a morte era um acontecimento público. E havia certa resignação com relação à ideia da mortalidade humana. Naquela época, existia uma familiaridade com a morte que, para nós, pode parecer

estranha. Ou seja, a morte era considerada algo natural para os sujeitos medievais e quando se sentia que a morte estava se aproximando, todo um ritual era desenvolvido em torno do moribundo no qual participavam os familiares, amigos e vizinhos, sem excluir as crianças, enquanto o sacerdote conduzia o cerimonial de uma forma simples e sem o caráter dramático que logo mais esse tipo de ritual adquiriu.

Levando em conta todas essas características, nesse contexto histórico e cultural já longínquo a morte súbita – a *mors repentina* – era vista como algo vergonhoso. Pois nela ocorria o rompimento da ordem do mundo em que todos acreditavam, – como um instrumento absurdo do acaso, por vezes disfarçado em cólera de Deus (ARIÈS, p.12, 1990). A familiaridade com a finitude encarava a morte súbita como sendo uma morte feia e desonrosa, que amedrontava. Ariès relata, inclusive, que ela parecia algo tão estranho e monstruoso que era até raro que alguém ousasse falar sobre isso. Entretanto, não era apenas a morte súbita que se entendia como desonrosa, também a morte clandestina – aquela que não tinha testemunhas e nem cerimônias – era, por exemplo, a morte do viajante na estrada, do afogado no rio, do desconhecido cujo cadáver se descobria à beira do rio, ou do vizinho fulminado sem razão.

Essas mortes súbitas ou clandestinas impediam a ritualização e a publicidade da morte, porque tradicionalmente o moribundo medieval – sentindo próximo seu fim – reunia os filhos, e os companheiros em torno do seu leito para as últimas despedidas, pedidos de perdão, pois a morte era um acontecimento público. A atitude medieval em que a morte estava ao mesmo tempo próxima e familiar se opõe ao modo como os sujeitos modernos lidavam com a morte.

De acordo com a perspectiva do historiador francês, na Idade Média existia uma “morte domada”, devido a familiaridade que os sujeitos daquela época tinham com a morte. Isso não quer dizer que antes disso a morte tenha sido selvagem e, em seguida, foi domesticada. Pelo contrário, a partir do século XX, ela teria se tornado “selvagem”, enquanto anteriormente não o fora, já que a morte dos tempos medievais era domada e pública. Uma característica da familiaridade com a morte na Idade Média era a coexistência dos vivos e dos mortos. Apesar de sua familiaridade com a morte, as civilizações pré-cristãs temiam a proximidade com os mortos e os mantinham à distância. Com o intuito de evitar o retorno dos mortos as sepulturas eram cultuadas e os corpos dos mortos eram enterrados ou incinerados em lugares afastados, pois sua proximidade poderia sujar ou poluir o mundo dos vivos. Havia uma separação, de um lado ficava o mundo dos vivos e do outro o mundo

dos mortos. Os antigos romanos, por exemplo, construíam os cemitérios fora das cidades, à beira das estradas, – como a Via Appia localizada na cidade de Roma na Itália.

De certa maneira, esse costume influenciou os primeiros cristãos, pois, inicialmente, eles deram continuidade ao hábito de enterrar os mortos fora das cidades nas mesmas necrópoles que os pagãos, e posteriormente, ao lado deles, só que em cemitérios separados. Mas esse distanciamento dos mortos não durou muito tempo entre os cristãos antigos. Por causa da fé na ressurreição dos corpos, associada ao culto dos mártires e de seus túmulos, os mortos deixaram de causar medo, – e passaram a habitar os mesmos lugares que os vivos. Assim foram construídas Basílicas nos cemitérios que ficavam fora das cidades, nos quais os mártires estavam sepultados, e onde os cristãos queriam ser enterrados. Para a mentalidade medieval, ser enterrado próximo às ossadas de um mártir implicava uma proteção contra o inferno.

No século VI, desapareceu a distância entre os bairros periféricos - onde se enterravam *ad sanctos*, porque se estava extraurbem - e a cidade. Os mortos já estavam misturados com os habitantes dos bairros populares da periferia, que haviam se desenvolvido em torno das abadias e penetravam também no coração histórico das cidades (ARIÈS, 2012, p.43). Cabe lembrar que o culto das sepulturas de mártires ou santos é um dos preceitos fundamentais da religião cristã e originou a vontade de ser enterrado perto de um santo ou mártir dentro de uma igreja. De acordo com José Carlos Rodrigues (1999) esse desejo era alcançado apenas pelas elites. Os membros dos extratos sociais menos privilegiados não eram enterrados nas igrejas, mas ao lado delas. O enterro *ad sanctos* no período medieval possuía uma grande importância, e era um privilégio do qual dificilmente alguém abriria mão.

Assim, os membros das elites o retiveram, e com isso também marcaram em definitivo o signo de sua ascendência social. Exatamente eles, que vieram a proibir para os outros o enterramento dentro das igrejas, continuaram até hoje inumados no interior dos templos – exemplo significativo são os próprios papas, que continuaram sendo sepultados, até nossos dias, dentro de uma igreja, na Basílica do Vaticano, embaixo do altar principal, bem próximo, como se acredita, do túmulo de São Pedro (RODRIGUES, 1999, p.128).

Desse modo, no decorrer da Idade Média e nos séculos XVI e XVII, o corpo do morto era confiado à igreja e não existia uma preocupação sobre o que seria feito com ele. O fundamental era que os corpos, os ossos ou os restos mortais fossem conservados dentro

dos limites ou nas proximidades da igreja. De maneira geral, as sepulturas medievais eram coletivas e ficavam entreabertas para serem preenchidas com vários corpos, já que não existia uma mentalidade que conferia ao túmulo um caráter pessoal, como sendo uma propriedade privada. Somente no século XII surgiram as sepulturas que começaram a ser considerada uma espécie de “domicílio individual”.

Vale esclarecer, entretanto, que a entrada dos mortos na igreja, ou, em seu pátio, não impediu estes locais de se manterem como espaços públicos. E o cemitério se tornou um local em que eram realizados encontros, reuniões como o Foro Romano, a Piazza Major ou o Corso das cidades mediterrâneas. Além disso, aconteciam jogos, danças e feiras de comércio. Ariès destaca, também, que durante a morte domada os ossos que afloravam à superfície dos cemitérios, não impressionavam mais os vivos que a idéia de sua própria morte, porque estavam familiarizados com os mortos quanto com sua própria morte.

Em meados do século XVIII ocorreu uma ressignificação da morte que, de algum modo, passou a ser desejada, exaltada e dramatizada. Nesse período, surgiu a chamada “morte romântica”, sob influência do Romantismo – uma corrente filosófica e estética que, de meados do século XVIII até meados do século XIX, inspirou muitos pensadores e criações artísticas. No século XIX, essa modalidade suscitou certo culto dos túmulos e dos cemitérios, exaltando a saudade provocada pela ausência do outro. A morte romântica era, principalmente, a morte do ser amado; o que não significa que a própria morte não fosse, de modo semelhante, intensamente romantizada. Assim, a afetividade que até então era difusa, passou a ser dirigida a alguns seres íntimos, e a separação definitiva se tornou insuportável, desencadeando uma crise dramática devido à morte do outro.

Outro aspecto que deve ser ressaltado na hora de analisar as transformações que afetaram os modos de se lidar com a morte durante o romantismo, foi uma mudança significativa no que tange às formas de construção da subjetividade, que ocorreu no século XIX. Para Richard Sennett (1999) neste período teve lugar o que ele denomina como o “declínio do homem público”, quando o sujeito que tinha a rua como o palco de sua ação pública e política, foi sendo substituído por um tipo de sujeito que via na sua casa, no seu lar, um refúgio no qual podia desenvolver sua interioridade. Devido aos fluxos migratórios motivados pelas fortes transformações socioeconômicas ligadas à revolução industrial, as cidades tornaram-se cada vez mais habitadas por estranhos, e o espaço privado passou a emanar certa atratividade ligada à ideia de aconchego e, também, certa “superioridade moral” com relação ao perigoso e estigmatizado espaço público (SIBILIA e DIOGO, 2011,

p.4).

O sentimento de não aceitação da morte do outro também originou o culto moderno dos túmulos e dos cemitérios, e este culto era bem distante dos rituais fúnebres realizados pelas civilizações pré-cristãs que cultuavam as sepulturas para evitar o retorno dos mortos. Os vivos deveriam testemunhar, através de um ritual leigo, sua veneração, pois os túmulos passaram a ser vistos como um signo da presença dos mortos para além da morte. Esta presença não era a imortalidade religiosa, como a do Cristianismo, ela era uma resposta à afeição dos sobreviventes, assim como à recente dificuldade em aceitar o desaparecimento dos entes queridos.

Como observa Antonio Motta (2010) à medida que as sociedades se modernizavam orientadas pelo princípio da racionalização produtiva, a crença na morte, anteriormente vista como um signo de mutação, de passagem a outra vida, tendeu, em muitos casos, a ser substituído pelo sentimento de “imortalidade subjetiva”. Não se tratava apenas de assegurar ao morto um lugar no céu, mas garantir também um lugar na terra, sob a proteção de uma coberta, aos cuidados da família para lhe proteger das intempéries (MOTTA, 2010, p.56). Embora a existência humana fosse considerada como temporária, nada impedia que mesmo depois de morto o indivíduo fosse reverenciado e cultuado através da memória ou recordação.

Motta ainda destaca que a relativa descristianização que foi ocorrendo no século XIX, marcada por fortes e crescentes convicções laicas, era compensada por esse culto da memória e da recordação. Ou seja, surgiu uma crença na eternização dos mortos na memória dos vivos. Assim, o culto aos mortos se tornava um culto aos antepassados, possuindo um sentido de celebração e de homenagem à memória, o que acabava destacando mais os aspectos da vida social, cívica e patriótica do morto, do que os de foro mais íntimo ou religioso. Portanto, a “imortalidade subjetiva”, neste contexto, passou a ser vista como uma maneira de eternizar os antepassados, através da recordação coletiva, a fim de reforçar o sentimento de continuidade da família, como também da sociedade e da pátria.

As visitas aos cemitérios passaram a ser, cada vez mais freqüentes e, com elas, o culto dos mortos tornou-se uma prática familiar que demonstrava boa conduta moral. Desse modo, os cemitérios se adaptaram rapidamente aos novos ritos cívicos do culto aos mortos que os vivos empreenderam nos espaços de sepultamento. Portanto, foram colocados sobre os túmulos além das inscrições lapidárias diversas estátuas, bustos e fotografias. Os jazigos passaram a conservar parte da individualidade dos mortos através da evocação de

lembranças e memórias genealógicas das famílias.

E as fortes mudanças ocorridas na Europa a partir da segunda metade do século XIX, acompanhando a veloz intensificação da industrialização e da urbanização, juntamente com os avanços nos campos das ciências e das diversas tecnologias, resultaram na cisão entre as crenças religiosas e os conhecimentos científicos. Assim, a morte passou a ser tratada de uma forma mais dessacralizada: as doenças e as epidemias não seriam mais interpretadas como castigos divinos, mas como consequências da insalubridade, – ou de processos físicos e químicos decorrentes das ações de determinados microorganismos, por exemplo.

Jorge Crespo (2003) afirma que na segunda metade do século XVIII surgiram na Europa uma variedade de obras que possuíam projetos de regulamentação de sepultamentos e cemitérios. Tais publicações buscavam definir regras de higiene coletiva, no quadro das políticas de saúde pública que se desenvolviam no mundo ocidental. Tratava-se de um quadro mental novo, suportado por uma sensibilidade laica, por uma filosofia natural que, gradualmente, afastava a morte do pensamento religioso (CRESPO, 2003, p.34). Dentro desta perspectiva os homens acreditavam em si mesmos no sentido de poderem perpetuar a espécie e não aceitando mais passivamente a ideia de destinação. Além disso, a morte era incômoda para a economia, porque a perda de braços para o trabalho, num ambiente de grande concentração demográfica, constituía a deteriorização da mão-de-obra indispensável ao progresso da sociedade.

Segundo Michel Foucault (1984) até o fim do século XVIII, o cemitério encontrava-se no centro da cidade, juntamente com a igreja. E existia uma organização no espaço cemiterial, pois em primeiro lugar existia a casa mortuária na qual os corpos perdiam os seus traços particulares, depois, alguns túmulos individuais e, no fim, os que se encontravam dentro das igrejas. Estes últimos eram divididos da seguinte maneira: as simples lápides inscritas e os mausoléus com estátuas.

Entretanto, este cemitério, que se abrigava no espaço sagrado da igreja, tomou uma direção bastante diferente nas civilizações modernas (FOUCAULT, 1984, p.6). A partir do início do século XIX os cemitérios passaram a ser construídos em lugares afastados da cidade. Correlativamente à individualização da morte e à apropriação burguesa do cemitério, emerge uma obsessão pela morte como doença.

Os mortos trazem supostamente doenças, e é a proximidade, a presença dos mortos ao lado da igreja, ao lado das casas, quase no

meio das ruas, é esta proximidade que propaga a própria morte. Este tema maior da doença espalhada pelo contágio nos cemitérios manteve-se até o fim do século XIX, quando, e ao longo do século seguinte, os cemitérios foram deslocados em direção aos subúrbios. Os cemitérios tornaram-se assim, não já no imortal e sagrado coração da cidade, mas na “cidade-outra”, em que cada família possui o seu tenebroso cantinho de descanso (FOUCAULT, 1984, p.6).

O cemitério do Père-Lachaise: um lugar de memória

Em plena ascensão da sociedade industrial no final do século XIX a morte, também, despertava curiosidade. De acordo com Vanessa R. Schwartz (2004) o necrotério de Paris, construído em 1864, atraía tanto visitantes regulares quanto grandes multidões de até 400 mil pessoas em dias mais movimentados ou quando a história de um crime circulava na imprensa popular da época e os visitantes curiosos faziam fila na calçada à espera de andar em fila pela *salle d'exposition* para ver a vítima.

No fim do século XIX, o necrotério (*morgue*) apresentava uma *salle d'exposition*, onde duas filas de cadáveres, cada um em sua laje de mármore, eram exibidas atrás de uma grande janela de vidro com cortinas verdes de cada lado. Ao contrário do *basse-geôle*, grandes grupos podiam se reunir e contemplar essa exibição quase teatral. Das três grandes portas frontais, a do meio permanecia fechada, e os visitantes faziam fila, entrando pela esquerda e saindo pela direita, o que levou o arquivista do necrotério a comentar que este não era mais do que um *entresort* – uma atração carnavalesca para a qual as pessoas compravam entrada e depois andavam por galpão, boquiabertas com o que viam (SCHWARTZ, 2004, p.339).

Dentre os diversos entretenimentos privados e comerciais que estavam surgindo naquela época, o necrotério era aberto e gratuito, e a exibição dos corpos mortos estava sempre disponível ao público. A instituição tinha como objetivo ser uma espécie de depósito para os mortos anônimos e os administradores esperavam que a identidade desses corpos fossem descobertas através dessa exibição pública. Apesar de sua localização muito próxima à Notre Dame, de sua fachada não muito dramática e de seu tema evidentemente sombrio, o necrotério era “uma das atrações mais populares de Paris”. A identificação de corpos mortos foi transformada num show (SCHWARTZ, 2004, p.340).

Schwartz ainda questiona o motivo pelo qual o necrotério parisiense atraía tantos visitantes e ao analisar as descrições dessa instituição na imprensa e na literatura administrativa da época, a pesquisadora observou que a grande maioria dos visitantes,

provavelmente, não visitava o necrotério com a intenção de reconhecer um cadáver. Sob pretexto de cumprir um dever cívico, iam só para olhar: era um “voyerismo público” (SCHWARTZ, 2004, p.340). O necrotério reapresentava uma vida parisiense tornada espetáculo. Ou seja, a *salle d'exposition* com suas cortinas, os cadáveres vestidos e as ilustrações dos jornais garantiam que a realidade fosse reapresentada, mediada e orquestrada numa espécie de teatro da morte.

Cabe lembrar que essa instituição foi fechada para visita pública em 1907 e, para os historiadores do cinema, essa data é vista como sendo um divisor de águas, pois nessa época houve uma proliferação de instituições dedicadas exclusivamente ao cinema. O público ao que parece, abandonou a *salle d'exposition* para ir à *salle du cinema* (SCHWARTZ, 2004, p.343). E quase cem anos após o fechamento do necrotério parisiense, que atraía um grande número de visitantes, surge na internet um site que possibilita visitar virtualmente o cemitério do Père-Lachaise.

Na época de sua inauguração o Père-Lachaise foi criticado pela população parisiense por ser longe e de difícil acesso. No entanto, essa atitude mudou quando o cemitério passou a receber as ossadas de mortos ilustres e aos longos dos anos cresceu de 17 hectares na sua inauguração em 21 de maio de 1804 para os atuais 44 hectares. Além disso, o tempo e o clima se encarregaram de envelhecer os jazigos, mausoléus e esculturas cobrindo de vegetação, dando uma atmosfera bastante histórica. O cemitério do Père-Lachaise recebe anualmente um grande número de visitantes, a estimativa gira em torno de três milhões de visitantes, e comparados a outros lugares turísticos da cidade luz, como o Museu do Louvre e a Torre Eiffel que também recebem um grande número de visitantes, o Père-Lachaise iguala-se a eles em importância e até supera muitos outros atrativos da capital francesa.

Ao entrar no site o visitante visualiza uma página inicial bilíngüe (Francês e Inglês) na qual um breve texto afirma que o site, assim como qualquer outro cemitério pode ser definido pela relação que estabelece entre os vivos e os mortos. E cada passeio virtual pelas ruas do Père-Lachaise com seus túmulos e esculturas transportam o visitante para um espaço onde são sepultados os corpos dos mortos e que não é habitado por uma carne, mas por pedras. Ou seja, os túmulos e os mausoléus transmitem a história, os mortos falam através dessas construções de pedra que não possuem a mortalidade humana.

Esse espaço virtual quando é acessado também se torna um cemitério habitado por pessoas e ganha visibilidade na contemporaneidade, pois os usuários da internet circulam

pelas ruas que constituem o espaço cemiterial do Père-Lachaise através dos seus computadores ou *smartphones*. A visita pode ser realizada através das seguintes maneiras no site: *Panoramas de 360°*, *Sepultures Célèbres*, *Rues* e *Divisons*. Quando o visitante clica em um desses itens são mostrados no mapa que fica localizado no centro da tela os pontos em que o visitante pode iniciar sua visita virtual. Por exemplo, ao escolher a opção *Sepultures Célèbres* aparecem diversas cruzes no mapa do cemitério que indicam os lugares em que as personalidades foram sepultadas, e essas cruzes possuem um link que abre o “perfil-túmulo” do famoso onde é exibida uma galeria de fotos do jazigo do ilustre falecido acompanhada de um breve texto que relata sua biografia, assim como a data de nascimento e falecimento.

Essa visita aos mortos realizada na contemporaneidade midiática está inserida num contexto histórico e cultural no qual ocorre um crescimento da chamada “cultura da memória” como detectou Andreas Huyssen (2004). Desde a década de 1980, esse movimento foi favorecido por fatores políticos como o fim das ditaduras latino-americanas e do *apartheid* na África do Sul, a queda do Muro de Berlim e o colapso da União Soviética. No campo cultural, houve um aumento das pesquisas sobre as histórias das minorias e o surgimento de toda uma política das identidades. Assim, a indústria cultural acabou levando a memória para a esfera pública, depois da apropriação de alguns de seus aspectos. Nesse sentido, Huyssen observa, por exemplo, que a globalização cultural promoveu a passagem do discurso da memória do Holocausto para contextos completamente diferentes tanto na América Latina, como na África e na Ásia.

Portanto, acontece na época contemporânea uma “musealização” do mundo, tendência segundo a qual os centros urbanos são restaurados, realizam-se levantamentos históricos sobre temas como os genocídios, e divulgam-se pedidos de desculpas de líderes políticos e religiosos por erros cometidos no passado. O jornalismo noticioso também tem atribuído destaque ao passado, e surgem novas maneiras de contar e recontar episódios históricos em livros, filmes ou documentários. A prática de rememorar um passado genocida contribuiu para o desenvolvimento de projetos destinados a promover os direitos humanos. Esses projetos, também, foram movidos pela percepção de que a lembrança desse passado trágico evitaria que tragédias semelhantes pudessem ocorrer novamente, algo que não tem se verificado, já que tal rememoração não evitou que acontecessem genocídios contemporâneos em países como a Bósnia e Ruanda, por exemplo.

Tanto a memória pessoal quanto a cultural ou coletiva são afetadas pela emergência de uma nova estrutura de temporalidade, gerada pelo ritmo cada vez mais veloz da vida atual, por um lado, e pela aceleração das imagens e das informações da mídia, por outro lado (HUYSSSEN, 2000, p.74). E devido as mudanças nas noções de tempo e espaço provocadas pelos avanços tecnológicos e informacionais, acabam acontecendo uma série de mudanças cognitivas no modo como percebemos as coisas — inclusive, a morte.

As noções de continuidade ou descontinuidade histórica, por exemplo, como sentidos que estavam ligados à um antes e um depois, são sucedidos agora por uma impressão de simultaneidade de todos os tempos e espaços, que seriam acessíveis pelo presente. Ainda segundo Andreas Huyssen quanto mais memória armazenamos em banco de dados, mais o passado é sugado para a órbita do presente, como algo sempre pronto para ser acessado na tela.

Contudo, com o aumento e a aceleração das inovações científicas, tecnológicas e culturais, juntamente com a instauração de uma sociedade consumista que visa o lucro, surgem diversos objetos, estilos de vida e atitudes que são bastante efêmeros, ocorrendo um encurtamento da duração do presente. Uma certa “amnésia” caracteriza essa rápida obsolência, e esse aspecto faz surgir um paradoxo: ao mesmo tempo em que ocorre um certo processo de esquecimento, acontece a disseminação de uma cultura da museificação e um crescente interesse pelo passado que pode ser percebido pelo grande número de pessoas que visitam o cemitério do Père-Lachaise em Paris ou em seus computadores e *smartphones*.

Considerações finais

Segundo Zygmunt Bauman (2008) os sofistas acreditavam que o medo da morte é contrário à razão, segundo o argumento dessa corrente do pensamento grego, quando a morte está aqui, eu não estou mais, e quando eu estou aqui, a morte não está. Para Bauman, porém, esse raciocínio é um equívoco, porque onde quer que o homem esteja, ele estará em companhia do pavor de que mais cedo ou mais tarde a morte vai pôr fim a sua vida. Por isso, as diversas culturas podem ser decodificadas como mecanismos engenhosos que a humanidade desenvolveu para tornar suportável a vida com a consciência da morte.

A maneira mais antiga e comum de os humanos enfrentarem o fato de morrer é acreditar em “outra vida” que ocorreria no Hades, em Valhalla, no Inferno ou no Paraíso. Nesses casos, a morte não é vista como o fim de tudo, mas como uma passagem de um

mundo para outro. Nessa perspectiva, portanto, os moribundos não deixam o único mundo que existe para se dissolver e desaparecer no submundo da não-existência, mas se mudam para outro universo onde continuarão existindo numa forma um tanto diferente daquela que costumavam chamar de sua, e talvez inclusive muito melhor que a anterior. E a existência corporal pode acabar ou ser suspensa até o retorno que pode ser entendido como o dia do juízo final, ou então assumir outra forma corpórea, como no caso da reencarnação que se caracteriza por um eterno retorno.

Além dessa crença numa explicação mitológica que faz com que a certeza da eminência da morte mantenha a vida de grande parte dos humanos no curso “correto”, dando um propósito que torna preciosos todos os momentos vividos, há a tentativa de evitar a idéia da morte afastando-a tanto quanto possível, recorrendo ao encobrimento ou à repressão da idéia indesejada, ou então assumindo uma crença na própria imortalidade. Essas atitudes se consolidaram nas sociedades modernas mais industrializadas e urbanizadas, acompanhando a veloz intensificação desses processos juntamente com os avanços das ciências, que resultaram na cisão dos conhecimentos religiosos e científicos. Em plena sociedade industrial, a morte costuma passar ser escondida do enfermo e foi expulsa do lar, separando o moribundo do ambiente íntimo e da família, deslocando-o para dentro do hospital.

E, diferentemente do que ocorria nas concepções medievais, o sujeito moderno constituiu um tempo linear, fugaz e irreversível, e de forma paradoxal acabou se apavorando com a fugacidade e com a irreversibilidade do tempo que tudo parecia digerir. Uma das principais estratégias que o homem colocou em ação para não se acreditar mortal foi tentar petrificar o fluxo do tempo (RODRIGUES, 2011, p.380). Para isso, foram construídos túmulos com as pedras mais resistentes, enquanto as obras, os feitos dos falecidos em vida ficaram registrados nas biografias, ou nas autobiografias, assim como a busca pela permanência nas estátuas e outros monumentos.

O sujeito moderno também sonhou com a fixidez encomendando retratos, que se tornaram numerosíssimos a partir do século XV, e para eternizar a própria visão de si se refletiu nos autorretratos. Com o passar dos anos e com os avanços tecnológicos, as subjetividades passaram a se iludir com o simulacro de ciclicidade temporal permitida pelas fotografias, pelos filmes e pela internet onde os mortos parecem congelados no tempo. Os aparatos midiáticos interativos permitem novas vivências da morte, porque junto com eles surgem outras maneiras de enxergar, pensar e quantificar a morte.

Portanto, está acontecendo uma imbricação dos tradicionais cultos aos mortos – como as visitas aos cemitérios – com as novas modalidades proporcionadas pelo ciberespaço. A finitude humana acaba fazendo parte de uma realidade bastante midiaticizada, e o Cemitério do Père-Lachaise ganha visibilidade devido aos compartilhamentos e comentários sobre as visitas virtuais nos sites de redes sociais. E a análise da representação do espaço cemiterial na cibercultura busca compreender como as especificidades das novas tecnologias, e da internet em particular, colaboram com as significações e ressignificações culturais e sociais sobre o tempo finito a ser vivido pelos sujeitos, com todas as implicações individuais e coletivas que esta certeza carrega. Além disso, a continuidade de determinados rituais mortuários conflui com o desenvolvimento da “cultura da memória” onde os recursos do site aqui analisados se apresentam como novas modalidades de “memoriais”, compatíveis com os modos de vida dos sujeitos contemporâneos.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. (Tradução: Priscila Viana de Siqueira). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. *O homem diante da morte, Vol. I*. (Tradução: Luiza Ribeiro). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. (Tradução: Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CRESPO, Jorge. “As provas do corpo, os sinais da morte nos séculos XVIII-XIX”. In: *Proposições*, v. 14, n. 2, maio/ago. 2003.

FOUCAULT, Michel. “Outros Espaços”. (Conferência no círculo de Estudos Arquitetônicos, 14 de março de 1967). In: *Architecture, Mouvement, Continuité*, n.5, outubro de 1984.

HUYSSSEN, Andreas. “Mídia e discursos da memória”. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo – Volume XXVII, nº 1, janeiro/junho de 2004.

_____. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MOTTA, Antônio. “Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 55-80, jan./jun. 2010.

PRIMO, Alex. “O aspecto relacional das interações na Web 2.0”. In: *Compós*, Brasília, 2007.

RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995.

RODRIGUES, J. C. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

_____. Imagens e significados da morte no Ocidente. In: GOLDENBERG, Mirian. *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2011.

RONDELLI, Elizabeth e HERSCHMANN, Micael. “A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena”. In: *Tempo Social*. USP, São Paulo, 12(1): p. 201-218, maio de 2000.

SCHWARTZ, Vanessa R. “O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim-de-século”. In: CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa R. *O Cinema e a invenção da vida moderna*. (Tradução: Regina Thompson). São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

SOBCHACK, Vivian. “Inscrevendo o espaço ético: dez proposições sobre morte, representação e documentário”. In: RAMOS, Fernão Ramos. *Teoria Contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional Volume II*. São Paulo: SENAC, 2004.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

SIBILIA, Paula, DIOGO, Lígia A. “Vitrines da Intimidade na Internet: imagens para guardar ou para mostrar”. In: *Estudos de Sociologia*, São Paulo, v. 16, p. 127-139, 2011.